



Herói da Pátria

Incluir Oswaldo Cruz no Livro dos Heróis da Pátria é homenagem devida, afirma historiadora sobre projeto do Senado

Fábio Iglesias e Haendel Gomes

“F é eterna na ciência”, disse a historiadora Nara Azevedo ao lembrar a frase racionalista eternizada por Oswaldo Cruz para defini-lo. Em entrevista, a ex-diretora da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz) – autora do livro Oswaldo Cruz, a construção de um mito na ciência brasileira – comentou ainda o projeto de lei que tramita no Senado Federal para incluir o nome do patrono da Fiocruz no Livro dos Heróis da Pátria da Nação, o mesmo que homenageia Tiradentes e outros símbolos nacionais. Uma “homenagem devida”, afirmou.

A pesquisadora discorreu ainda sobre a importância de Belisário Pena para a construção da imagem mítica em torno de Oswaldo Cruz. Um ano após a morte do sanitarista, em 1918, ele criou a Liga Pró-Saneamento do Brasil, que tinha como objetivo promover uma mudança na saúde. “A reforma que eles pretendiam era assumida pelo Governo Federal porque, nesse movimento de natureza política, a ideia era criar um Ministério da Saúde que tivesse abrangência nacional”, explicou. Nara abordou a trajetória do cientista, a importância que teve para as políticas públicas e seu trabalho à frente da Diretoria-Geral de Saúde Pública (DGSP), bem como sua representação política, científica e cultural para o país. ▶





Nara Azevedo: Belisário Pena foi o organizador do movimento de mitificação da figura de Oswaldo Cruz e criou, um ano depois da morte do cientista, a Liga Pró-Saneamento do Brasil

Em seu livro *Oswaldo Cruz, a construção de um mito na ciência brasileira* a senhora afirma que a intenção dos cientistas de Mangueiras, ao levar adiante o processo de mitificação do sanitarista, era a de mobilizar a sociedade, principalmente a classe política, em torno dos ideais sanitaristas. De que maneira isso ajudou a consolidar avanços na saúde pública brasileira naquele início de século 20?

Nara Azevedo: Ajudou muito, mas não foi o único elemento. Depois da morte de Oswaldo Cruz, o papel que havia desempenhado para tentar minimizar os problemas de epidemias na capital federal contribuiu para a sensibilização da classe política e intelectual, como Monteiro Lobato. Até então, sua obra [*Urupês*, com o personagem] do Jeca, falava sobre os homens pobres brasileiros; tinha um conteúdo racista enorme. Jeca estava condenado à miséria, à doença. Acho que esse personagem representa muito bem o

que se pensava da população brasileira. E não se pode desvincular a imagem da população dessa maneira porque tínhamos acabado de sair do regime escravocrata. Belisário Pena, médico que acompanha Oswaldo Cruz desde a campanha da febre amarela em 1904, é o organizador do movimento de mitificação de sua figura e cria, um ano depois da morte do cientista, a Liga Pró-Saneamento do Brasil. Oswaldo Cruz é o patrono da Liga, cujo objetivo é promover uma mudança, uma reforma na saúde brasileira. A reforma que eles pretendiam era assumida pelo Governo Federal porque, nesse movimento de natureza política, a ideia era criar um Ministério da Saúde, que tivesse abrangência nacional. Era quase como se o Jeca fosse o alvo central desse movimento, representando a vítima das endemias rurais, as principais doenças da nação. Não era verdade, mas achavam que era. Doença de Chagas, ancilostomose, malária, por exemplo, deveriam ser combatidas pela Liga e o futuro Ministério.

Não podemos esquecer que esse é o contexto do pós-guerra, da Primeira Guerra Mundial, e existe um grande movimento nacionalista capitaneado por uma camada intelectual e política, à qual sanitaristas e médicos vão se articular. Então, o discurso sobre Oswaldo Cruz, o “saneador do Rio de Janeiro”, o “fundador da medicina experimental”, que são as imagens que consegui identificar no meu trabalho, são as mais usadas para defini-lo nesse discurso mitológico e simbólico sobre o que ele representou para o Brasil. O Instituto Oswaldo Cruz se tornou a primeira grande instituição de pesquisa no Brasil e é o fundador da medicina experimental. O problema do Jeca não é que ele é ignorante; ele não tem saúde. Esse discurso é recorrente até hoje, chamamos de determinantes sociais. O movimento sanitarista do Belisário Pena mudou a opinião de Monteiro Lobato. Ele escreve sobre isso na *Revista do Brasil*, publicação então muito importante, que tinha se

enganado e que, de fato, o Jeca não era culpado pela sua miséria. O culpado é o Estado, a sociedade que tinha que dar um jeito naquilo. Então, foi muito importante para o movimento, para o debate público sobre a saúde. Resolveu? Não. Estamos com a febre amarela de novo.

Em que medida o contexto cultural e a própria personalidade de um Oswaldo Cruz “de carne e osso” explicam a construção de imagens como “general mata-mosquito autoritário”, “apóstolo da ciência”, “rei-todo-poderoso”, “Cristo da religião do saneamento”, “fundador da medicina experimental no Brasil”?

Nara: Vamos separar essas coisas, porque esse general mata-mosquito não tem nada a ver com Liga Pró-

Saneamento. General mata-mosquito está nas caricaturas. Na verdade, são jornais da época, os caricaturistas que tinham um humor espetacular, crítico; não sei se se repete no Brasil algo tão impressionante, aqueles jornalistas, desenhistas e artistas. Então, eles inventaram essa palavra de general mata-mosquito. Eu não quero cometer nenhum anacronismo. Nós vivemos em outra sociedade, temos outros tipos de relações; não podemos olhar com aquilo que chamamos de autoritarismo. Não vamos esquecer que a República tinha sido feita por generais. É disso que eles estão falando também. Ele organizou campanhas contra a febre amarela e, principalmente, contra a varíola, uma lei que já era obrigatória, só que ninguém se vacinava. E aí houve uma revolta popular. General mata-mosquito tem a ver com esse contexto de 1903-1904, quando ele assume a

Diretoria-Geral de Saúde Pública e impõe políticas de cima para baixo.

“Apóstolo do saneamento” e “fundador da medicina experimental no Brasil” são coisas que aparecem depois da morte de Oswaldo Cruz. Eu me preocupei em entender por que se falava de Oswaldo Cruz como “Cristo da religião do saneamento”. A gente sabe que falar de Cristo no Brasil, um país católico, não é qualquer coisa; comparar Oswaldo Cruz a essa figura é algo muito significativo. Isso que me motivou a estudar o que eu chamei desse mito, é um mito mesmo. Fala-se dele como se processasse um descolamento da vida da trajetória profissional, embora se usem os elementos dessa trajetória. O que ele fez na saúde pública, no Instituto de Manguinhos, é a base a partir da qual se projeta uma idealização dessa figura. Quando escrevi meu trabalho, disse – e continuo

Belisário Pena na sessão comemorativa do 2º aniversário da Liga Pró-Saneamento do Brasil, realizada na sede da Sociedade Nacional de Agricultura, em 1919



faul se méfier des
moustiques et de
l'homme, car l'im-
portation, l'éclosion,
et la dissémination
de la fièvre jaunesont
possibles.

a. Mesures contre
l'homme. — L'incu-
ation de la fièvre
une dépassant ra-
ment cinq jours,
is pouvant attein-
treize jours, on
oit considérer
mesuspects pen-
t treize jours, à
er de leur débar-
ment, les passa-
ou les hommes
l'équipage. On

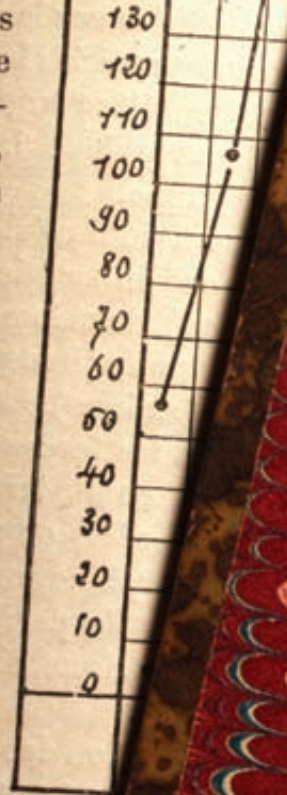


Fig. 8.

Fé eterna na ciência. A frase de
inspiração positivista constava do
exlibris de Oswaldo Cruz, selo aplicado
nos exemplares de seu acervo



achando isso – é impossível saber quem é o Oswaldo Cruz, para além ou para alguém dessas imagens que foram criadas para torná-lo público. Acho difícil. O passado está sendo sempre reconstruído, não está num lugar que os historiadores tiram do baú. Construímos interpretações do passado a partir de registros e vestígios que essas personalidades e esse passado deixam. Então, eu não sei, é muito difícil hoje saber quem era Oswaldo Cruz.

Como a classe médica, em especial as instituições com forte reputação científica como a Academia Nacional de Medicina e a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, se relacionou com Oswaldo e o Instituto?

Nara: Eu tratei isso no meu estudo. Era um elemento importante para que eu pudesse afirmar a ideia de que o curso mitológico, hagiográfico [relato

sobre a vida de um santo], heroicizante dessa figura; esses símbolos que foram criados em torno de Oswaldo Cruz pudessem ser diferenciados de como ele era reconhecido em vida. Qual era o reconhecimento e, mais importante, o reconhecimento científico que ele tinha no meio médico e científico da época, no Rio de Janeiro, em particular. Oswaldo Cruz nunca foi professor da Faculdade Nacional de Medicina. O Instituto Soroterápico Federal passa a ter o nome de Oswaldo Cruz em homenagem ao prêmio [recebeu a medalha de ouro em nome da seção brasileira presente no XIV Congresso Internacional de Higiene e Demografia] em Berlim pelas campanhas que acabaram com a febre amarela, peste.

Muitos estudantes da Faculdade de Medicina vinham para Manguinhos fazer uma especialização, conhecer os laboratórios ligados ao estudo da peste bubônica e de outras doenças. Em 1907-1908, Oswaldo Cruz cria a Esco-

la de Manguinhos, o chamado Curso de Aplicação. O curso é de 1909, ano em que Carlos Chagas descobre a doença de Chagas. Acho que foi uma ousadia criar esse curso, que hoje poderíamos chamar de extensão; durava dois anos e era rigorosíssimo. Eles vinham praticar a medicina experimental, ou microbiologia, a ciência pasteuriana. Isso criou uma disputa com a Faculdade de Medicina, velada em certos momentos, mais aberta e de conflitos abertos em outros.

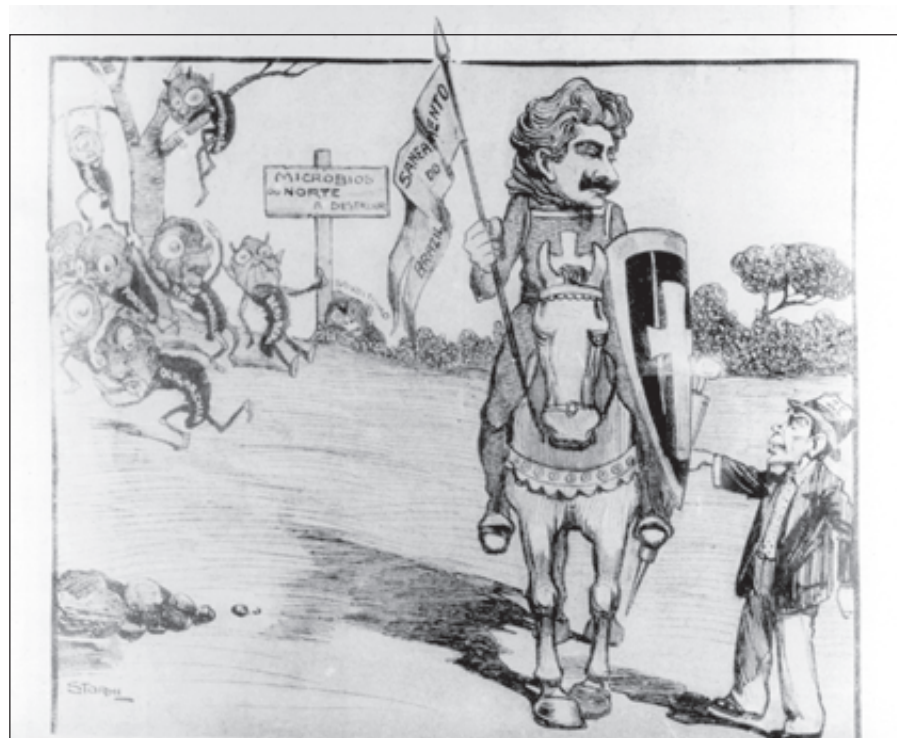
Oswaldo Cruz inspirou-se ou foi influenciado por intelectuais da sua época para buscar conhecer os problemas do homem brasileiro do interior do país?

Nara: Não tratei disso no meu estudo, então vou compartilhar uma especulação baseada no que acabei de falar sobre o interesse científico que notabilizou o Instituto no mundo, as chamadas doenças tropicais. Eu não con-

sigo desvincular o interesse científico, intelectual com o mundo em que eles vivem, com a sociedade na qual vivem, da sua vida prática. Pensando assim, me pergunto o quanto o livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha, influenciou Oswaldo Cruz e aquela geração de jovens. O livro fez um sucesso imenso. Foi publicado em 1902, quando Oswaldo está chegando à Diretoria-Geral de Saúde Pública com a incumbência de tratar epidemias que matavam pessoas. Ao mesmo tempo você tem uma denúncia pública sobre o que aconteceu em Canudos, que foi um genocídio; o Euclides, que era todo entusiasmado com o combate aos insurretos, acabou se tornando o grande denunciador, sem ser panfletário. Fez uma obra fantástica para dizer o que é o homem brasileiro. Aquele livro é um espetáculo, parece ficção, mas é profundamente realista na maneira de escrever. Eu me pergunto: se eu fosse jovem naquela época, lendo uma coisa como essa, o que eu diria? Como isso repercutiria em mim? Eu que sou um cientista, trato dessas doenças, dessa população que está morrendo, ou seja, acho que faz sentido eu pensar que Euclides da Cunha pode ter tido alguma influência sobre a maneira como Oswaldo Cruz via o que ele fazia, dava sentido e os interesses que teve, científicos e público que, para mim, não são dissociados.

Nesse sentido a senhora diria que Oswaldo Cruz teve dois impactos, com Canudos e a com a Amazônia, que ele visitou?

Nara: Ele escreve sobre a Amazônia [onde foi combater a malária] no relatório que entrega à Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Nesse relatório, fiquei muito impressionada porque seria um relatório médico: “Olha, apliquei tal coisa quinino (que era o que se fazia) nos trabalhadores e tal”. Mas, não, ele faz uma descrição antropológica de cidades; Santo Antônio, sobre a população, como as pessoas vivem, as valas, os animais mortos nas ruas, o esgoto correndo a céu aberto; parece o Rio de Janeiro antes da reforma Pe-



Cruzada Oswaldo: os micróbios que escapam (O Malho, 25/6/1910)

Zé Povo: - Vai, sábio higienista, que tanto honras o Brasil! Deus te acompanhe nessa nova e santa cruzada, que empreendes com sacrifício da própria vida! Mas, si além dos da malária, pudesses também destruir aqueles outros micróbios... isso, então, é que era uma pechincha!...

Oswaldo Cruz: - Impossível meu caro Zé! São micróbios da politicagem e não há hygiene pacífica que possa com elles... Só tú, a poder de protestos, poderás um dia acabar com esses bichos!...

reira Passos. A capital federal era assim, mas, também, os confins da Amazônia. Essas experiências vão dando a ele e a esse grupo de cientistas pilares ou elementos para a constituição de uma justificativa de um trabalho de cientista, sobre o que é fazer ciência. Acho que foram todos muito influenciados, inspirados por essas condições. E isso não acontece só com eles, mas com os intelectuais engajados e os políticos.

Das dez cidades do país que mais precisam e menos fizeram obras para coleta de esgoto nos últimos cinco anos, metade está no Rio de Janeiro. Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Belford Roxo, São Gonçalo e a própria capital aparecem na lista feita pelo Instituto Trata Brasil entre os municípios com mais urgência em reforçar a rede de coleta de esgoto. Precisamos de um

novo líder capaz de mobilizar diferentes segmentos da sociedade para reverter o quadro sanitário nacional ou essa estratégia se mostrou historicamente ineficiente?

Nara: Eu não acredito muito em lideranças carismáticas. O discurso do mito é que tornou Oswaldo Cruz isso. Acredito que o enfrentamento que você acabou de falar, o saneamento...você está falando do Rio [de Janeiro], mas o Brasil inteiro é assim. Saíram pesquisas recentes do IBGE mostrando isso. A gente precisa é de políticas públicas democráticas, de representação política eficiente, coisa que não temos no Brasil há alguns anos. Vivemos numa sociedade muito diversa daquela de Oswaldo Cruz e acho que precisamos ter representantes políticos que façam isso. Sempre ouvi dos sanitaristas, especialistas dessa área, que o custo do Estado com os problemas de saúde diminuiria

muito. Grande parte das doenças da população tem a ver com saneamento, principalmente entre as crianças. No Nordeste, a mortalidade infantil é provocada por muitas coisas, mas uma delas é falta de condições higiênicas. Até parece que a gente está falando do discurso do século 19: condições higiênicas, água limpa, esgoto, que é uma coisa incrível que o Brasil ainda não tenha no século 21. Acho que hoje [o que faltam] são políticas e representação política comprometida com bem-estar da população.

Seu estudo sobre a construção de mitos pode ser também entendido como uma advertência?

Nara: Não sei, nunca pensei nisso. Eu acho que esse mito foi muito importante e continua sendo. Para certas finalidades da área de saúde pública, as mesmas que mobilizaram o Belisário Pena e aquele grupo de médicos que estava em torno dele querendo reformar a saúde pública. Eu acho que falar do Oswaldo Cruz é uma chave importante, uma bandeira. Uma característica importante que ele – e de vários da geração dele, não só médicos, políticos e outros intelectuais – é essa característica de fazer da sua ação pública, da vida profissional, algo que está a serviço do público. Se você olha para outros países, nem sempre vê esse tipo de intelectual. Então, acho que falar de personalidades como Oswaldo Cruz, não como “Cristo da religião do saneamento”, mas dessa figura que criou uma instituição de pesquisa, produziu, formou muitos pesquisadores médicos no Brasil, todo o legado que essa instituição, o Instituto Oswaldo Cruz deu e a Fiocruz, é muito. Devemos continuar falando de Oswaldo Cruz quando a gente quiser ter avanços em termos de saúde e pesquisa no Brasil. Quem são nossos heróis?

Fiz pesquisa até 1972, quando se completaram 100 anos do seu nascimento. Todos repetiam exatamente a mesma coisa que se dizia em 1918. Então, se sedimentam imagens simbólicas sobre o que ele significava e representava. Isso é o mito, textos, signos, bustos, medalhas, as figurinhas Eucalol; muitas cidades têm praças e ruas com o nome

de Oswaldo Cruz. Ele quase compete com Getúlio Vargas. Pensando nessa galeria dos heróis, temos o Tiradentes também. Os heróis são um espelho do que a gente quer ser e do que há de bom que podemos produzir. É uma projeção idealizada das nossas ansiedades, expectativas, desejos. Quem é o único médico que está lá? Oswaldo Cruz! Na verdade, eu acho que ele está nessa galeria há muitos anos; há um século se fala dele como herói da nação.

O Senado Federal está para avaliar o Projeto de Lei 317/2016 sobre a inclusão de Oswaldo Cruz no Livro de Heróis da Pátria, que reúne em sua maioria políticos e líderes militares, religiosos e indígenas. Se aprovada a lei, a ciência nacional terá oficialmente um personagem heroico. Essa é uma homenagem devida?

Nara: Na historiografia também. Eu acho que é devida, sim. Ele já existe na memória das pessoas, assim como Getúlio. Existem trabalhos que demonstram isso. Eu mesma participei, há muitos anos, quando trabalhava na Fundação Getúlio Vargas, de uma pesquisa de rua. Fiquei muito impressionada como se falava de Getúlio, que é algo similar ao Oswaldo Cruz, com muito mais amplitude; até porque é uma figura muito importante na sociedade, na política brasileira, na construção do Estado nacional brasileiro. Falar de Oswaldo Cruz nesses termos contribui para que se torne aquilo que ele representa, símbolo de mais saúde, políticas públicas que de fato contribuam para a melhoria da vida das pessoas, e que esse Estado seja eficiente nesse sentido; não seja o estado demagogo, populista. Sempre falar dele é bom. Claro, perto de mim, eu vou dizer: “olha, lá! ”; veja só, não é bem assim, olha o mito!”. Mas, politicamente, falar de Oswaldo Cruz tem hoje o mesmo significado e importância que em 1918.

No início do século, quando Oswaldo Cruz assume a saúde pública na capital federal, o “país da febre amarela” precisava ser saneado, enfatizou Rui Barbosa em seu



Oswaldo Cruz em charge publicada na revista francesa *Chantecclair*, em 1911

Le Docteur Oswaldo C

discurso no Teatro Municipal em maio de 1917. Com a persistência de doenças como febre amarela e malária em diversas regiões brasileiras, podemos dizer que os ensinamentos do cientista foram esquecidos pelas autoridades sanitárias?



CRUZ, de Rio-de-Janeiro

Nara: Não. Até porque Oswaldo Cruz teve continuadores. Carlos Chagas foi uma figura muito importante na continuidade ao que Oswaldo Cruz tinha feito na Diretoria-Geral de Saúde Pública. Ele saiu da diretoria em 1909 e Chagas assumiu dez anos depois, em 1919. Quando Chagas cria o Departamento Na-

cional de Saúde Pública, nos moldes do que se pensava o que seria importante em termos de saúde da população, as endemias, isso teve continuidade depois. Chagas fica até 1925-26, mas, quando Getúlio Vargas assume o poder em 1930, já havia esse movimento político liderado pelo Belisário Pena em 1918. Todos eram médicos, mas com o Chagas e a entrada da Fundação Rockefeller no Brasil, com quem faz um acordo, formam-se pessoas nos anos de 1930. Getúlio adotou isso, formar pessoas especificamente especializadas na saúde pública. Então, não houve uma perda: a morte do Oswaldo, o que ele iniciou – e não é ele sozinho, insisto, é um grupo de médicos –, teve sequência. Esse caso [de febre amarela] em Minas Gerais e Espírito Santo que a gente está vendo agora é falha de política pública, porque hoje se sabe o que se tem que fazer; esse conhecimento está assentado, consolidado. É uma falha do aparato burocrático estatal. O que tenho lido é isso, ineficiência operacional. Você pode ver em outros casos de ameaças de epidemia, rapidamente se consegue controlar. A febre amarela urbana não existe aqui [no Rio de Janeiro] desde 1942. É muito diferente do que havia 100 anos atrás, quando ninguém sabia como as pessoas tinham febre amarela.

Outro mito destacado em seu livro é o do progresso social resultante da atividade científica. A senhora verifica a permanência da ideia da ciência como uma chave para a resolução dos problemas sociais do país?

Nara: A ideia da ciência como um instrumento do progresso é um discurso do final do século 19. A geração do Oswaldo Cruz, grande parte dela, está influenciada por essa ideologia. A partir dos anos 1960/70, certos tipos de conhecimento, como a biologia, a física, campos que têm muito impacto na sociedade, passaram a ter uma crítica social muito forte. De lá para cá, acho que isso só se intensificou. Pessoalmente acho que a ciência é um instrumento cada vez mais importante. Eu sou uma racionalista, acho que continua tendo importância para a minimização das

nossas necessidades, dos nossos sofrimentos humanos. Acho também que se Oswaldo Cruz estivesse vivo estaria preocupado com isso, porque acho que ele era um exemplo de um cientista com alguns cuidados. A gente não pode imaginar que a ética médica que se tem hoje é a mesma daquele período. Hoje são proibidas ou reguladas coisas que se faziam naquele momento, como uso de pessoas em experiências científicas.

Que lugar algumas das ideias que nortearam Oswaldo Cruz – como a defesa da ciência e da saúde pública como instrumentos de desenvolvimento do país – têm no mundo de hoje, em uma conjuntura de recessão econômica, ajuste fiscal pesado e crise política?

Nara: A gente tem que continuar lutando por isso, porque é um instrumento importante de desenvolvimento. A ciência e a tecnologia são coisas muito importantes para que o Estado brasileiro dê atenção e a gente vive uma crise muito séria nesse campo, com um Ministério da Ciência e Tecnologia [Inovação e Comunicações] com grandes dificuldades de recursos para financiar pesquisa e ensino, mas a gente não pode desistir. Temos que continuar achando que isso é importante e cobrar dos governantes que não fique lá no último lugar das prioridades do governo.

Que frase usaria para definir Oswaldo Cruz?

Nara: Eu vou usar uma frase dele que eu acho que o define muito bem. Ele tinha alguns lemas, esse é um famoso. Dizia e escrevia: “Fé eterna na ciência”. Ele era um racionalista, um cientista que acreditava que o conhecimento científico poderia contribuir para a construção de uma nação brasileira civilizada, moderna, tal como ele vislumbrou nas numerosas viagens que fez. Enfim, Oswaldo Cruz achava que poderíamos ter outro padrão econômico e cultural, e a ciência era um instrumento disso.

Também se considera racionalista?

Nara: Sim, com certeza: “Fé eterna na ciência”!